

TEORIA DO APEGO E COMPORTAMENTO RELIGIOSO

ATTACHMENT THEORY AND RELIGIOUS BEHAVIOR

MARY RUTE GOMES ESPERANDIO^(*)
HARTMUT AUGUST^(**)

RESUMO

A Teoria do Apego, desenvolvida a partir dos estudos de John Bowlby, oferece uma ampla base conceitual sobre a formação, manutenção e modificação dos vínculos afetivos. No Brasil, não existem estudos sobre esse tema, na perspectiva da Psicologia da Religião. Considerando o impacto da teoria Bowlbyana do apego em diversas áreas da Psicologia, o propósito deste artigo é descrever os principais conceitos da Teoria do Apego e sua aplicação aos estudos em Psicologia da Religião. Quer-se apresentar as principais descobertas sobre a relação entre constituição subjetiva, comportamento religioso à luz da teoria do apego, a fim de estimular a pesquisa na área da Psicologia da Religião, Teologia e ciências da Religião, a partir desse referencial teórico. Sugestões para futuras pesquisas são oferecidas na conclusão deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria do Apego. Apego a Deus. Psicologia da Religião.

ABSTRACT

The Attachment Theory, as developed by John Bowlby, offers a broad conceptual base on the formation, maintenance and transformation of existing affectional bonds. In Brazil, there has not yet been any study based on this framework from the perspective of psychology of religion. Considering the impact of Bowlby attachment theory in various areas of psychology, the purpose of this article is to describe the main concepts of the attachment theory and its application to the studies in the area of Psychology of Religion. The aim is to present the primary findings on the relationship between the subjective constitution and religious behavior in the light of the attachment theory, in order to stimulate the research in psychology of religion, theology and sciences of religion using this theoretical framework. Some suggestions for future research are presented in the conclusion.

Keywords: Attachment Theory. Attachment to God. Psychology of Religion.

INTRODUÇÃO

A Teoria do Apego, tal como introduzida por John Bowlby (1969, 1973, 1980), impactou significativamente os estudos em diversas áreas da Psicologia, tais como: a Psicologia do Desenvolvimento; a Psicologia Social, da Personalidade; e a Psicologia Clínica (KIRKPATRICK, 2005, p. 18). A aplicação da teoria do apego aos estudos na área da Psicologia da Religião, pelos

^(*) Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2006). Mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2001). Graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1992), graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003). Atualmente é professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Tem experiência na área de docência teológica, com ênfase na interface Psicologia e Teologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Subjetividade contemporânea, Processos de subjetivação, Psicologia da Religião, Coping Religioso, Aconselhamento Espiritual. Desenvolve pesquisas em torno do tema da Subjetividade Contemporânea e Religiosidade, Coping Religioso, Aconselhamento. É membro do Comitê Executivo da Society for Intercultural Pastoral Care and Counselling - SIPCC (2007). Possui página de "Psicologia da Religião": <http://psicologiadareligiao.wordpress.com/>. **E-mail:** mresperandio@gmail.com

^(**) Economista. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR. Doutorando em Teologia (PUC-PR). **E-mail:** Hart@ausland.com.br

pesquisadores Kirkpatrick e Granqvist, são bastante reconhecidas. Contudo, no Brasil, não se tem conhecimento de nenhum estudo sobre esse tema na perspectiva da Psicologia da Religião, especificamente. A Teoria do Apego diz respeito não apenas às emoções, comportamento, cognição, fisiologia etc. Ela oferece uma compreensão a respeito de como todos esses elementos são integrados em um modo organizado e funcional (KIRKPATRICK, 2005, p. 18). Em outras palavras, ela oferece uma compreensão teórica a respeito do processo de constituição subjetiva, do modo como o ser humano percebe, sente, escolhe, se desenvolve e se relaciona consigo, com os outros, com o mundo. Exatamente por isso, a Teoria do Apego deu origem a um contingente diversificado de pesquisas, entre as quais destacam-se os trabalhos sobre as relações românticas e os estudos no campo da religião. Assim, ao longo deste artigo, serão apresentados os principais conceitos da Teoria do Apego e sua aplicação específica em estudos na área da Psicologia da Religião. Na conclusão são oferecidas algumas sugestões para futuras pesquisas a partir do referencial teórico apresentado.

1 O CONCEITO DE APEGO EM BOWLBY

Na década de 1930, os estudos que o zoólogo austríaco Konrad Lorenz (1903-1989) conduziu sobre a estampagem ganharam repercussão, a ponto de esse pesquisador ganhar o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1973. Lorenz chamou atenção para o fato de que, em muitas espécies de aves, o comportamento de apego se desenvolve de modo irreversível nos primeiros instantes de vida, caracterizando-se como uma estampagem, uma gravação que influencia os futuros padrões de comportamento dos indivíduos (BOWLBY, 2002, p. 206). Embora o conceito de estampagem tenha sofrido alterações ao longo do tempo, os estudiosos do comportamento humano têm se perguntado se nos seres humanos ocorre algo semelhante à estampagem (BOWLBY, 2002, p. 273).

Um desses estudiosos foi John Bowlby (1907-1990), psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico. Bowlby notabilizou-se por seu interesse no desenvolvimento da criança e produziu uma vasta literatura a partir de pesquisas realizadas nessa área, estruturando o que passou a ser conhecida como a Teoria do Apego (*Attachment Theory*).

Nas pesquisas de John Bowlby,

Os elementos primordiais são observações relativas ao comportamento de crianças de tenra idade, em situações bem definidas. À luz de tais dados, procura-

se descrever certas fases iniciais da atuação da personalidade; com base nessas descrições, tenta-se, em seguida, realizar extrapolações com respeito ao futuro (BOWLBY, 2004b, p. 32).

Dessa maneira, partindo do pressuposto de que é na tenra idade que se molda o comportamento do ser humano, o método de análise parte da observação de crianças pequenas, deduzindo, a partir do comportamento observado, de que maneira as pessoas adultas tenderão a se comportar. Essa abordagem parte do princípio de que

o conhecimento como construção da experiência individual é resultante de um processo evolutivo, onde a realidade é interpretada e construída de distintas formas.[...] Seus critérios implicam na existência de um mundo que se edifica a partir das nossas experiências e onde, nesta interação, construímos uma diversidade de significados e de verdades pessoais (ABREU, 2005, p. 12).

Assim, a partir desse processo contínuo de construção da experiência pessoal é que a nossa subjetividade vai se constituindo. Ela é a expressão de nossa história, cujas marcas ao longo do tempo resultam em padrões e estilos de significado pessoal, em “modos de existência”. Tais modos de existência não cessam de se recriar e surgem novos. Neste sentido, vale observar que os padrões que constituem a subjetividade são passíveis de transformações ao longo do processo existencial.

Bowlby focalizou seus estudos no que ele denominou “sistema de apego”. Para Bowlby, o “*sistema de apego* é um constructo organizacional que descreve a complexa gama de emoções, comportamentos, cognições e modelos de funcionamento interno envolvidos no esforço infantil de manter em um nível confortável o sentimento de segurança” (KIRKPATRICK e SHAVER, 1990, p. 317). Quando ameaçada ou de algum modo angustiada, a criança se engaja em *comportamentos de apego* tais como o choro, o agarrar-se ao cuidador, e volta-se, se possível, para ele, a fim de reforçar a proximidade e, conseqüentemente, o sentimento de segurança (KIRKPATRICK e SHAVER, 1990, p. 317). Quando o nível de segurança é alto, a criança se afasta do cuidador para explorar o ambiente e periodicamente verifica se a “base segurança” permanece atenta e disponível. Assim, “padrões de apego” vão se estabelecendo em função dessa relação de apego aos cuidadores. Bowlby destacou que em todos os processos de construção e reconstrução pessoal, as condutas derivadas da aproximação ou distanciamento dos cuidadores apontam para uma universalidade dos sentimentos de ligação e dependência (ABREU, 2005, p. 15). O apego é definido, portanto, como sendo uma forte disposição da parte da prole em muitas

espécies de mamíferos, para buscar proximidade e contato com uma figura específica (isto é, para mostrar um comportamento de apego) e fazem isso particularmente em situações específicas tais como quando se sentem amedrontadas, cansadas ou doentes. Por essa razão, na Teoria do Apego dá-se atenção especial à maneira como as crianças reagem ao distanciamento e posterior reaproximação da mãe ou do(a) cuidador(a). É desse modo, portanto, que se vão criando os *padrões de relacionamento* com os cuidadores ou os *modelos de apego* desenvolvidos em nossa história pessoal (por intermédio de nossos relacionamentos) e que “são integrados em nossa estrutura de personalidade na forma de modelos internos e gerais de funcionamento que determinarão as características de nosso *self* frente às situações de vida” (ABREU, 2005, p. 15). De acordo com Bowlby, “nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego. As figuras para as quais ele é dirigido são amadas, e a chegada delas é saudada com alegria” (2009, p. 259).

Bowlby sugere duas funções para o desenvolvimento do comportamento de apego do bebê à mãe. Uma função relaciona-se à busca de proteção dos bebês contra predadores, sendo que a mãe representa o lugar de segurança conhecido. Outra função, que não exclui a anterior, seria que o bebê, na companhia da mãe, está em boa posição para aprender atividades necessárias à sua sobrevivência (2009, p. 278-279).

Nem todos os relacionamentos são caracterizados como “relacionamentos de apego”. Estudos conduzidos por Mary Ainsworth (1913-1999) levaram-na a propor cinco características que são largamente reconhecidas para diferenciar relacionamentos de apego de outros tipos de relacionamentos próximos: (1) a pessoa apegada procura proximidade com o cuidador, particularmente quando está assustada ou alarmada; (2) o cuidador proporciona cuidado e proteção, na função de porto seguro; (3) o cuidador proporciona uma sensação de segurança, na função de base segura; (4) a ameaça de separação causa ansiedade na pessoa apegada; (5) a perda da figura de apego causa luto na pessoa apegada (KIRKPATRICK, 2005, p. 56).

A presença da figura de apego é chamada “base segura”, que “é a consciência de que você tem o apoio de alguém que o encoraja, em quem pode confiar com uma certeza de 100% e a quem você pode recorrer em caso de necessidade” (LEVINE e HELLER, 2013, p. 40). À medida que a criança se desenvolve, seu comportamento de apego passa a ser menos frequente e menos

intensamente ativado. Além disso, “outra mudança que ocorre com a idade é que ele passa a ser finalizado por uma faixa cada vez mais ampla de condições, algumas das quais são puramente simbólicas” (BOWLBY, 2002, p. 324). Assim, fotografias, mensagens virtuais e telefonemas podem tornar-se uma maneira relativamente eficaz de manter contato com a figura de apego. Portanto, “No curso de um desenvolvimento sadio, o comportamento de apego leva ao desenvolvimento de laços afetivos ou apegos, inicialmente entre a criança e o progenitor e, mais tarde, entre adulto e adulto.” (BOWLBY, 2004a, p. 38-39).

Dessa maneira, pessoas que na infância puderam desenvolver um apego de base segura “são aquelas que experimentaram relações mais tranquilas, confiantes e de apoio com seus cuidadores, exibindo uma facilidade mais acentuada em lidar com o inesperado e com a possível ausência de um apoio psicológico”. (ABREU, 2005, p. 19). Tais pessoas, ao alcançarem a vida adulta, estarão em condições de enfrentar o mundo de modo mais sereno nas situações de embaraço e desconforto emocional (ABREU, 2005, p. 19).

Conquanto os padrões de apego tenham papel importante no processo de constituição subjetiva, tais padrões podem ser mudados ao longo da vida e das experiências com outras figuras de apego, principalmente nas relações românticas (LEVINE e HELLER, 2013).

2 PADRÕES DE APEGO

A partir da teoria do apego de Bowlby, sua colega, Mary Ainsworth mostrou que as crianças constroem determinados estilos ou padrões de apego em função de suas experiências de separação, podendo ser do tipo: seguro, evitante ou resistente/ambivalente (ou ansioso-ambivalente). Os dois últimos tipos são característicos de um apego inseguro.

O experimento foi estruturado por Ainsworth e Wittig (1969) nas seguintes etapas: a) inicialmente, o bebê permanece com a mãe; b) em seguida, a pessoa não familiar ingressa no ambiente; c) posteriormente, a mãe se retira e o bebê permanece com o estranho; d) a mãe retorna ao local e a pessoa não familiar sai do ambiente; e) dando sequência ao experimento, a mãe se retira e o bebê permanece sozinho; f) posteriormente, o estranho retorna; g) por fim, a mãe volta ao local e a pessoa não familiar se retira do ambiente. As reações das crianças a esse procedimento foram, então, classificadas por Ainsworth e cols. (1978) nos três padrões de apego citados anteriormente: seguro, ambivalente, evitante (GOMES e MELCHIORI, 2011, p. 26).

Ainsworth verificou que mesmo em culturas distintas e distantes como África, China e Israel, os padrões de reação das crianças se repetem, apontando

assim, para a universalidade da categorização encontrada (GOMES e MELCHIORI, 2011, p. 27).

Crianças que desenvolvem um estilo de apego ansioso-ambivalente experienciam um medo crônico de rejeição por suas figuras de apego e se tornam preocupadas em arrancar conforto e segurança dessas figuras. Seu sistema de apego fica cronicamente ativado. Crianças com um estilo evitante de apego antecipam a rejeição e a carência de resposta das figuras de apego, e reprimem os sentimentos de apego e se comportam na defensiva contra a rejeição. Vivenciam uma auto dependência compulsiva, mantendo uma distância emocional, limitando a intimidade como uma defesa, uma estratégia de autoproteção (KELLEY, 2010, p. 56).

Os diferentes padrões de apego expressam, portanto, as diferentes “maneiras como as pessoas percebem e reagem à intimidade em relacionamentos” (LEVINE e HELLER, 2013, p. 18). Esses diferentes padrões de apego foram sendo construídos a partir da reação dos bebês em situações de interação com a mãe. O comportamento das crianças foi analisado mediante a seguinte questão que definia a reação das crianças: ‘Posso confiar que minha mãe estará disponível e receptiva quando necessário?’ As reações observadas nos bebês puderam ser agrupadas em três respostas: sim, talvez e não. Ou seja, no que se refere aos modelos internos de funcionamento, na primeira resposta (sim), a figura de apego estará sempre disponível. Na segunda resposta (talvez), a figura de apego às vezes estará disponível, outras vezes não. E na terceira resposta (não), a figura de apego nunca estará disponível (MANTELLI e PINHEIRO, 2011, p.10). Tais respostas formam as características dos distintos padrões de apego acima mencionados: o apego seguro, o apego evitante e o apego ansioso-ambivalente. Estudos posteriores apontaram um quarto padrão de apego, mais raro, caracterizado como ansioso-evitante ou inseguro desorganizado/desorientado. Os diferentes padrões de comportamento apresentam as seguintes características:

2.1 APEGO SEGURO

Para crianças enquadradas no padrão de apego seguro, a mãe é uma base segura para a exploração do ambiente. As crianças que se comportam de acordo com esse padrão buscam ativamente o contato e a interação com a mãe após um período de separação, mostrando-se satisfeitas por rever a mãe. (BOWLBY, 2002, p. 419).

Neste padrão de relacionamento, “o indivíduo está confiante que, caso ele depare-se com alguma situação adversa ou amedrontadora, seus pais sempre estarão disponíveis para auxiliá-lo de forma amável e afetiva.” (ABREU, 2005, p. 60). Esse auxílio desenvolve na pessoa a segurança necessária para enfrentar possíveis situações difíceis que o mundo possa lhe apresentar.

2.2 APEGO ANSIOSO (OU ANSIOSO-AMBIVALENTE)

Crianças que se comportam de acordo com esse padrão de apego demonstram “uma oscilação de comportamentos entre a busca de proximidade e a relutância ao contato materno e/ou interação com a mãe.” (ABREU, 2005, p. 60). Quando os pais se relacionam com o filho de maneira não previsível, a criança torna-se insegura, pois não sabe se e quando receberá algum tipo de ajuda dos pais, caso venha a requerê-la.

Crianças com padrão de apego ansioso apresentam tanto sinais de insegurança, como tristeza e medo, quanto de intimidade, alternando frequentemente com hostilidade. “Conseqüentemente, essas crianças ainda esperam obter amor e cuidados, ao mesmo tempo em que se sentem angustiadas com a possibilidade de serem esquecidas ou abandonadas.” (ABREU, 2005, p. 60). Esse comportamento ambíguo decorre de uma rejeição parcial e intermitente dos pais. Crianças que desenvolvem um estilo de apego ansioso-ambivalente experienciam um medo crônico de rejeição por suas figuras de apego e se tornam preocupadas em arrancar conforto e segurança dessas figuras. Seu sistema de apego fica cronicamente ativado.

2.3 APEGO EVITANTE

Crianças com um estilo evitante de apego antecipam a rejeição e a carência de resposta das figuras de apego, reprimem os sentimentos de apego e se comportam na defensiva contra a rejeição. Vivenciam uma auto dependência compulsiva, mantendo uma distância emocional, limitando a intimidade como uma defesa, uma estratégia de autoproteção.

“Este padrão interativo normalmente é marcado pelo conflito com pais que se mostram disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e, em outras, não apresentam tal receptividade.” (ABREU, 2005, p. 59).

As crianças que se comportam de acordo com este padrão de apego “trataram muito mais amigavelmente um estranho do que a própria mãe, não sendo rara a demonstração de comportamentos antissociais (hostis) e,

paradoxalmente, buscando excessivamente atenção.” (ABREU, 2005, p. 59). Com isso, a criança desenvolve um comportamento exploratório pobre, pois tem dificuldade em se isolar para explorar o ambiente, visto que necessita de contato continuado.

Frequentemente, os pais de crianças com padrão de apego evitante ameaçam os filhos com abandono, “como forma de coerção e meio de controle de seus comportamentos”. (ABREU, 2005, p. 59). Visto que a criança compreende que os pais não estarão disponíveis quando ela precisar, essa criança apresenta dificuldade de estabelecer contato após o período de separação, demonstrando a existência simultânea de procura e resistência ao contato.

2.4 APEGO ANSIOSO-EVITANTE OU DESORGANIZADO/DESORIENTADO

Embora menos frequente, crianças que se enquadram no padrão de apego ansioso-evitante “costumam apresentar comportamentos inconsistentes e contraditórios. Por exemplo, podem receber a mãe alegremente quando ela regressa, mas, depois, se distanciam ou se aproximam dela sem olhá-la, parecendo estar confusos e temerosos.” (GOMES e MELCHIORI, 2012, p. 28). Esse padrão de apego, inicialmente identificado por Main e Solomon (1986), pode se desenvolver em crianças cujas mães não têm sensibilidade adequada ao desenvolvimento de uma relação saudável com a criança, inclusive submetendo a criança a maus tratos. Estudos apontam que esse padrão de apego apresenta maior risco de desenvolver quadros psicopatológicos¹ (GOMES e MELCHIORI, 2012, p. 28). Nos estudos longitudinais em saúde mental sobre os laços entre mãe e filhos com problemas na interação, Karlen Lyons-Ruth é referência internacional².

3 A TEORIA DO APEGO E OS ESTUDOS EM PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Os principais pesquisadores da Teoria do Apego e Religião são Lee A. Kirkpatrick e Pehr Granqvist. Phillip Shaver produziu alguns trabalhos sobre o tema³, contudo, o foco principal de seus estudos refere-se ao apego nas relações românticas.

¹ Sobre esse tema, ver *Attachment Disorganization* (SOLOMON; GEORGE (ed.), 1999).

² A obra de Lyons-Ruth pode ser consultada em: http://www.researchgate.net/profile/Karlen_Lyons-Ruth.

³ Há uma interessante palestra de Shaver sobre apego e religião, disponível no youtube: “*Perspectives from Attachment Theory, Buddhism and Neuroscience*”: <https://www.youtube.com/watch?v=Mio72F-BpYE>. Além dos estudos sobre apego e relações românticas, Shaver publicou vários estudos sobre apego e abuso na infância.

Na perspectiva de Kirkpatrick (2005), a teoria do apego é consideravelmente mais profunda e mais ampla do que qualquer outra teoria psicológica da religião. Para ele, a teoria do apego é fundamental para os estudos da área da psicologia da religião, sobretudo por sua consistência no entendimento de determinados aspectos de certas religiões, tais como as crenças sobre Deus e a percepção do relacionamento com Deus em muitas variedades do Cristianismo. Kirkpatrick e Granqvist acreditam que o relacionamento com Deus pode ser visto frequentemente como uma relação simbólica de apego.

No mais recente Manual de Psicologia da Religião e Espiritualidade, editado por Paloutzian e Park (2013), agora em segunda edição, Kirkpatrick afirma que a psicologia da religião tem vagado sem rumo por décadas, sem um leme, isto é, sem um paradigma que ofereça uma meta-teoria que seja forte e coerente o bastante para organizar, integrar e orientar as pesquisas transversais, ao contrário, há uma disparidade de subdisciplinas e modelos teóricos (KIRKPATRICK, 2013, p. 118). Kirkpatrick acredita que a solução para este problema está na Psicologia Evolutiva. Para ele, a Psicologia evolutiva, como o próprio nome sugere, é em última análise, uma abordagem psicológica para entender a experiência e o comportamento humano (KIRKPATRICK, 2005, p. 20). O autor defende que o paradigma evolutivo tem potencial não apenas para organizar e integrar as várias subdisciplinas e as diversas questões dentro da própria psicologia, mas também provê um fundamento para organizar e integrar as ciências sociais como um todo. Considerando que a psicologia evolutiva se organiza em torno das questões voltadas ao funcionamento, ela é em geral, uma meta teoria sobre as funções do cérebro/mente, não apenas prevendo e descrevendo o que eles fazem, mas também explicando porque funciona de tal ou qual modo (KIRKPATRICK, 2005, p. 20-21). O autor observa que “os mesmos processos evolutivos que tanto capacitam os pais a amar e nutrir os seus filhos, quanto os parceiros românticos a amar um ao outro, são também estes mesmos processos que capacitam os humanos a enganar, trair, e inventar a guerra” (KIRKPATRICK, 2005, p. 21, tradução nossa). Neste sentido, a teoria do apego é, segundo Kirkpatrick, uma teoria que se encaixa dentro de uma meta teoria – a Psicologia Evolutiva –, e provê, assim, um paradigma tanto para organizar e integrar a psicologia em geral, quanto a psicologia da religião, em particular (KIRKPATRICK, 2005, p. 18).

Kelley (2010, p. 60) refere-se a uma afirmação de Pargament feita em uma de suas palestras, quando ele pontua que o apego a Deus representa um dos

construtos teóricos mais amplamente negligenciados para compreender o relacionamento das pessoas com Deus. Lee Kirkpatrick é o pesquisador que mais tem desenvolvido pesquisas neste campo teórico (KELLEY, 2010, p. 60). Ele observa que a teoria do apego é um importante construto para compreender a experiência religiosa, uma vez que o relacionamento pessoal com Deus está no centro das religiões monoteístas, especialmente as cristãs, embora mesmo fora das religiões cristãs, os fiéis desenvolvem uma relação pessoal com seus deuses ou outras entidades, e este relacionamento provê uma forma de amor semelhante àquela que o sujeito desenvolveu em sua infância com sua figura de apego.

O espaço do presente estudo não permite entrar em detalhes sobre o apego a Deus em diferentes fases da vida. Mas existem alguns estudos cujos pesquisadores têm demonstrado que em crianças e adolescentes há correspondência entre suas figuras de apego e suas crenças religiosas (JUBIS, 1991; POTVIN, 1977; RICKERT e GRANQVIST, 2013). Outros pesquisadores têm demonstrado essa mesma correspondência entre adultos e crianças, em amostras coletadas em diferentes culturas. (LAMBERT; TRIANDIS; WOLF, 1959; ROHNER, 1975).

4 DEUS COMO FIGURA DE APEGO

Diversos estudiosos têm procurado identificar se as relações de apego anteriormente descritas podem ser utilizadas para analisar e compreender o relacionamento das pessoas com Deus. Ferm (1945) nos recorda que a palavra religião deriva do latim *religare* (sendo ligado) ou *relegere* (conectado), denotando um relacionamento com Deus ou Jesus (KIRKPATRICK, 2005, p. 53).

Reed (1978) já observava que “toda forma de comportamento de apego, bem como o comportamento da figura de apego, identificada por Bowlby, tem sua correspondência próxima nas imagens do relacionamento entre Israel (ou do adorador) e Deus” (KIRKPATRICK, 2005, p. 52, tradução nossa). Outro pesquisador, Wenegrat (1990) também aborda a questão do apego num livro que trata da sociobiologia e religião (KIRKPATRICK, 2005, p. 53). Também o teólogo Kaufman (1981) argumenta que “Deus é compreendido como um pai/mãe protetor e cuidador, que está sempre ao alcance e sempre disponível para seus filhos quando estes estão necessitados.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 53, tradução nossa). Portanto, pessoas podem reproduzir na relação com Deus o mesmo tipo de apego humano, o que permite a internalização de um Deus que traz conforto ou segurança última em meio à dor e perda.

Kirkpatrick observa que

[...]a pessoa religiosa age com fé de que Deus (ou outra figura) estará disponível para proteger e confortar a ele ou ela em situações de perigo; em outras situações, o simples conhecimento da presença de Deus e de sua acessibilidade possibilita a ele ou ela abordar os problemas e dificuldades da vida cotidiana com confiança (KIRKPATRICK, 2005, p. 52, tradução nossa).

Para Kirkpatrick, a natureza do relacionamento com Deus pode variar tremendamente de pessoa para pessoa e de uma cultura para outra. As pessoas podem compreender Deus como sendo mais bondoso ou mais impiedoso, mais envolvido nas questões humanas ou mais distantes. “Em todos estes casos, contudo, as pessoas tipicamente pensam essas características em termos de um relacionamento.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 55, tradução nossa). Porém, o fato “de que pessoas têm a percepção de possuírem um relacionamento com Deus ou Jesus, ainda mantém aberta a questão se esta é uma relação de apego.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 55, tradução nossa). Trata-se de fato de uma relação de apego? Para Kirkpatrick “Deus atua efetivamente como uma figura de apego para muitos fiéis.” (2005, p. 55, tradução nossa). O autor propõe estender a teoria do apego para a religião, utilizando os conceitos do porto seguro, da base segura e da regulação decorrente da ausência de segurança oferecida pela figura de apego, para compreender a relação das pessoas com Deus.

Lembrando que para Bowlby “o sistema de apego é um sistema ‘real’ no cérebro/mente, instanciado num circuito cerebral para organizar uma variedade de módulos específicos num modo particular, como projetado através da seleção natural, para cumprir as funções adaptativas” (KIRKPATRICK, 2005, p. 55, tradução nossa), Kirkpatrick sugere que “para muitas pessoas em muitas religiões, o sistema de apego está fundamentalmente envolvido em seu modo de pensar, suas crenças e seu raciocínio acerca de Deus e seu relacionamento para Deus” (KIRKPATRICK, 2005, p. 56, tradução nossa). Assim, nosso conhecimento acerca de como o processo de apego funciona em outros relacionamentos deveria provar-se útil para compreender os modos como pessoas interpretam Deus e interagem com Ele.

4.1 BUSCANDO E MANTENDO A PROXIMIDADE COM DEUS

Com relação aos cinco critérios anteriormente mencionados para caracterizar uma relação de apego, a busca por proximidade provavelmente seja o mais difícil de diagnosticar. Pois “virtualmente todos os relacionamentos relevantes envolvem o desejo de estar próximo à outra pessoa.” (KIRKPATRICK,

2005, p. 56, tradução nossa). Fãs gostam de estar perto de seus ídolos, torcedores querem aparecer ao lado de jogadores famosos. Porém, nem por isso, Britney Spears e Neymar Jr atuam como figuras de apego para essas pessoas. De igual modo, pais normalmente gostam de gastar tempo com seus filhos, contudo “os filhos não são as figuras de apego dos pais.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 56, tradução nossa).

Uma dificuldade adicional para identificarmos a busca por proximidade com Deus como uma característica do relacionamento humano com o divino é o fato de que “não se pode estar fisicamente próximo a Deus do mesmo modo como estamos fisicamente próximos a outras pessoas” (KIRKPATRICK, 2005, p. 56-57). Mesmo assim, para Kirkpatrick, é possível falarmos em proximidade com relação a Deus, num sentido mais do que meramente metafórico. O autor lembra que Bowlby enfatizou o sistema de apego em termos de uma proximidade psicológica. Assim, o propósito da figura de apego seria proporcionar um senso de segurança para a criança. “Portanto, enquanto Deus é percebido pelos fiéis como estando prontamente acessível assim como responsivo, o modelo de apego é potencialmente aplicável.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 57). Os textos bíblicos corroboram esse conceito de que, embora não seja possível estarmos fisicamente próximos a Deus, podemos confiar num Deus onipresente.

De acordo com a fé da maioria dos cristãos, Deus (ou Jesus) sempre está ao seu lado, segurando sua mão e provendo, cuidando. Os fiéis são constantemente lembrados nas Escrituras, nos sermões e na literatura religiosa que Deus sempre está próximo e disponível quando necessário. Seria difícil para as pessoas crerem que isso é verdade para todos os fiéis simultaneamente se Deus não fosse onipresente (KIRKPATRICK, 2005, p. 58). Nesse sentido, o salmista exclama:

Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará e me susterá. (Salmo 139.7-104).

Muitas outras passagens do Primeiro Testamento⁵ descrevem Deus estando sempre ao lado do crente, segurando sua mão, observando e cuidando.

⁴As citações bíblicas contidas no texto foram extraídas da Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional (2003).

⁵Por exemplo, Deuteronômio 4.39, Salmo 16.8, Salmo 34.18, Salmo 73.28; 145.18, Provérbios 15.3, Isaías 66.1, Jeremias 23.23-24.

A vida de Jesus igualmente demonstra Deus como estando próximo e disponível àqueles que creem (KIRKPATRICK, 2005, p. 58). O Evangelho de João destaca: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1.14). Também o apóstolo Paulo fala de um Deus que está sempre disponível para aqueles que o procuram: “Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, talvez, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós.” (Atos 17.27)⁶.

Cada tradição religiosa tem seus próprios lugares, imagens, ícones e outras representações materiais que servem como lembretes concretos da presença de Deus. Para Kirkpatrick, muito mais do que os lugares e representações materiais, contudo, é na oração que se revela a busca do ser humano por proximidade com Deus (2005, p. 59). Nesse sentido, o autor da carta aos hebreus afirma: “Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada e tendo os nossos corpos lavados com água pura.” (Hebreus 10.22). Tiago também incentiva a aproximação dos cristãos a Deus: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês!” (Tiago 4.8a).

Portanto, à luz das Escrituras, pode-se afirmar que os fiéis buscam e são incentivados a buscar a proximidade com Deus, nos mesmos moldes que uma pessoa apegada procura a proximidade com sua figura de apego.

4.2 DEUS COMO PORTO SEGURO

Bowlby descreve três situações que ativam os comportamentos de apego: (1) eventos ambientais assustadores ou alarmantes, gerando estímulos que evocam medo e angústia; (2) doença, lesão ou fadiga; (3) separação ou ameaça de separação da figura de apego (KIRKPATRICK, 2005, p. 61).

Para avaliar se Deus atua como figura de apego para os cristãos, cabe perguntar se essas pessoas “se voltam a Deus e apresentam comportamentos semelhantes ao apego, diante das situações anteriormente descritas.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 61). Além disso, “a experiência de Deus como um porto seguro nestas circunstâncias deveria provocar os mesmos tipos de sentimentos de conforto e segurança proporcionados pelos apegos seguros humanos.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 61, tradução nossa).

⁶Ver também Hebreus 10.22 e Tiago 4.8.

Em especial nos Salmos, há o reconhecimento de Deus como o porto seguro em situações que demandam proteção e consolo.

Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. (Salmo 46.1).

Entregue suas preocupações ao Senhor, e ele o susterá; jamais permitirá que o justo venha a cair. (Salmo 55.22).

Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti. Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio, e não temerei. Que poderá fazer-me o simples mortal? (Salmo 56.3-4).

Porque ele me ama, eu o resgatarei; eu o protegerei, pois conhece o meu nome. Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta, e na adversidade estarei com ele; vou livrá-lo e cobri-lo de honra. Vida longa eu lhe darei, e lhe mostrarei a minha salvação. (Salmo 91.14-16).

Os textos apresentados ilustram como, no cristianismo, o fiel pode buscar refúgio em Deus em momentos de dificuldade ou ameaças, falando de um Deus que está disponível e capaz de ajudar aqueles que o buscam.

4.3 DEUS COMO BASE SEGURA

A partir da perspectiva da Teoria do Apego, a função de base segura do apego “é tão importante como a função do porto seguro, na medida em que ela facilita a exploração confiante do ambiente e proporciona uma fonte de coragem e eficácia para a pessoa encarar suas questões cotidianas.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 65, tradução nossa). Nesse sentido, a disponibilidade de uma base segura é o antídoto para o medo e a ansiedade, conforme expresso nas passagens a seguir.

Cumprirei os votos que te fiz, ó Deus; a ti apresentarei minhas ofertas de gratidão. Pois me livraste da morte e os meus pés de tropeçarem, para que eu ande diante de Deus na luz que ilumina os vivos. (Salmo 56.12-13).

Pois tu tens sido o meu refúgio, uma torre forte contra o inimigo. (Salmo 61.3).

Porque és a minha ajuda, canto de alegria à sombra das tuas asas. (Salmo 63.7).

Perto está a salvação que ele trará aos que o temem, e a sua glória habitará em nossa terra. (Salmo 85.9).

Portanto, “quando um indivíduo está confiante de que uma figura de apego estará disponível para ele sempre que desejar, então essa pessoa estará muito menos propensa a intensificar ou cronificar o medo, em comparação a um indivíduo que por alguma razão não possui essa mesma confiança.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 65-66, tradução nossa). Sob esse aspecto, é preciso

reconhecer “que a fé num Deus pessoal que cuida dos seus funciona psicologicamente como uma base segura, do mesmo modo como um apego humano.” (KIRKPATRICK, 2005, p. 70, tradução nossa). Deus, assim, é uma figura de apego absolutamente adequada, pois está “simultaneamente onipresente, onisciente e onipotente”, proporcionando deste modo a mais segura de todas as bases (KIRKPATRICK, 2005, p. 70, tradução nossa).

4.4 REAÇÃO À SEPARAÇÃO E PERDA

De acordo com Ainsworth, a separação da figura de apego provoca dor, ao passo que a ameaça de separação provoca ansiedade na pessoa apegada (KIRKPATRICK, 2005, p. 71). Na hipótese de Deus funcionar como uma figura de apego para as pessoas, seria de esperar que as pessoas que creem em Deus o busquem mais intensamente em situações de perda.

Diferentemente das pessoas que funcionam como figuras de apego, Deus não morre, não se afasta, nem pede divórcio. Porém, há situações onde a pessoa se sente abandonada por Deus, em especial quando essa percepção ocorre em momentos quando a pessoa mais sente a necessidade da intervenção divina. Para o filósofo Antonio Negri, a incrível modernidade e originalidade do livro de Jó “consiste exatamente no fato de que, desde o início, nenhuma mistificação é concedida: *o mundo apresenta-se como dualidade, como relação.*” (2007, p. 47). E neste caso, numa “relação ancestral entre Deus e o homem.” (NEGRI, 2007, p. 46). Mesmo em meio a sofrimentos quase insuportáveis, Jó exclama: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra.” (Jó 19.25). Jó, diante da potencial separação de Deus provocada pelo sofrimento e pelas perdas, busca a Deus com mais intensidade e experimenta um novo encontro com Deus: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram.” (Jó 42.5).

Para Jesus, nada poderia ser mais difícil do que conviver, mesmo que por alguns instantes, com a realidade de estar afastado da presença do Pai. Em seu profundo lamento pouco antes de sua morte “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mateus 27.46), “Jesus lutou com o peso de ter de se separar do Pai durante os momentos da crucificação” (ZACHARIAS, 2003, p. 163).

Por outro lado, a crença a respeito do que acontece após a morte reflete uma potencial separação de Deus, sendo que em muitas igrejas cristãs a separação de Deus é a essência do inferno (KIRKPATRICK, 2005, p. 71). Portanto,

para muitos cristãos, o afastamento ou mesmo a possibilidade de afastamento de Deus provoca dor, sofrimento e angústia.

Como visto nesta seção, para muitos cristãos sua relação com Deus preenche os cinco critérios de uma relação de apego propostos por Ainsworth. A pessoa apegada procura proximidade com Deus, especialmente quando está assustada ou alarmada. Para quem crê em Deus, Ele proporciona cuidado e proteção, na função de porto seguro, e uma sensação de segurança, na função de base segura. E, finalmente, para muitas pessoas a ameaça de separação de Deus causa ansiedade, ao passo que o sentimento de abandono ou de afastamento de Deus causa dor.

Nas palavras da teóloga Maria Clara Bingemer, “o homem (sic) não pode desapegar-se, a menos que esteja mais e mais apegado a algo, alguém diferente de seu apego inicial.” (1990, p. 175), apontando o movimento para Deus como a contrapartida para o desapegar-se das coisas.

Por essa razão, Deus pode ser compreendido como uma figura de apego absolutamente adequada (KIRKPATRICK, 2005, p. 71)⁷.

5 DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NO APEGO A DEUS

Uma vez que tenha ficado demonstrado que Deus pode ser compreendido como uma figura de apego, será analisado nesta seção, de que maneira essa relação de apego se manifesta no momento da conversão. Granqvist e Kirkpatrick (2004, p. 226) observam que os estudiosos da Psicologia da Religião, desde os seus pioneiros, já davam destaque à intensidade das emoções que precedem, caracterizam e acompanham algumas experiências de conversão religiosa. Tais experiências são marcadas por “um aumento significativo da importância das crenças religiosas, em conjunto com a experiência pessoal de ter encontrado diretamente o divino.” (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 226). Além disso, essas experiências normalmente são precedidas por uma fase de sofrimento emocional. Esse período precipitante de angústia pode destacar a função de porto seguro em Deus no processo de conversão, bem como a necessidade de assistência com a atenuação de sentimentos de angústia com a qual ele está associado (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 226).

⁷ Para estudos referentes ao apego com Deus em pessoas adultas com idade entre 70 e 97 anos, ver a obra de Cicirelli (2004).

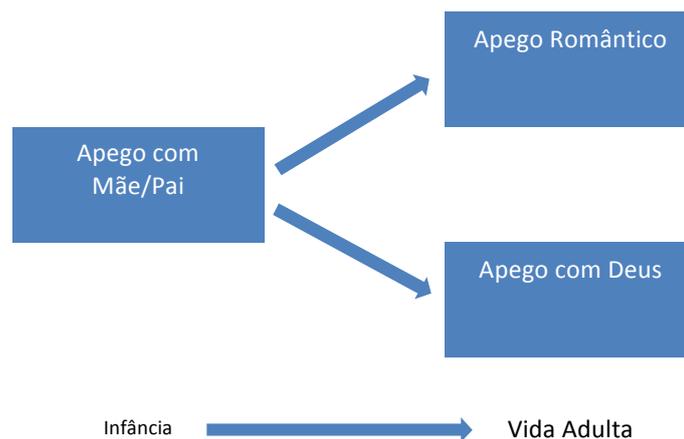
Granqvist e Kirkpatrick propõem duas hipóteses gerais sobre a relação entre a experiência de apego e a religiosidade: as hipóteses da correspondência e da compensação. Ambas as hipóteses não podem ser simultaneamente verdadeiras, ao menos nas mesmas pessoas sob as mesmas condições. Portanto, os autores sugerem que ambas as hipóteses sejam aplicáveis, cada uma para um determinado perfil de pessoas e respeitadas condições específicas.

5.1 HIPÓTESE DA CORRESPONDÊNCIA

De acordo com Granqvist e Kirkpatrick, indivíduos de apego seguro na infância estabeleceram as bases sobre as quais uma relação de apego com Deus poderia ser construída e tem mais facilidade em adotar as normas religiosas ou não religiosas da figura de apego da fase adulta. Para os autores, pessoas com apego seguro estariam mais presentes na população de conversões não repentinas. Assim, as mudanças religiosas das pessoas seguras seriam graduais, refletindo a adoção progressiva de normas religiosas de outras pessoas significativas. Como a segurança está mais presente entre os convertidos não repentinos, a religiosidade desse grupo de pessoas estaria mais baseada na socialização das normas religiosas dos pais (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 104).

A figura 1 ilustra como o apego seguro experimentado pela pessoa com a mãe e/ou o pai na infância é gradualmente substituído na fase adulta pelo apego seguro com seu par romântico e pelo apego seguro com Deus.

Figura 1 - Hipótese da Correspondência



Fonte: Kirkpatrick, 2005, p. 104.

De acordo com a hipótese da correspondência, pessoas com apego seguro na infância têm mais propensão em desenvolver e manter apegos seguros na vida adulta, seja em seus relacionamentos com o cônjuge, seja em seu relacionamento com Deus. Essa correspondência se dá em função do histórico de figuras de apego seguras, o que permite a internalização de um Deus que traz conforto ou segurança última em meio à dor e perda.

5.2 HIPÓTESE DA COMPENSAÇÃO

Para Granqvist e Kirkpatrick, indivíduos de apego inseguro na infância apresentam maior necessidade de apegos compensatórios na fase adulta para regular sua angústia e obter segurança. Nesse sentido, Deus funcionaria como essa figura de apego substituto. De acordo com suas pesquisas, indivíduos de apego inseguro estariam mais propensos a experimentar conversões religiosas repentinas. Desse modo, a nova relação com Deus funcionaria como apego substituto, auxiliando a pessoa na regulação de seus estados de angústia, e, assim, promovendo o sentimento de segurança.

Como a insegurança está mais presente na população de convertidos repentinos, esses indivíduos provavelmente apresentam uma religiosidade que se baseia mais na regulação da angústia (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 227). A figura 2 ilustra como o apego inseguro experimentado pela pessoa com a mãe e/ou o pai na infância é repentinamente compensado na fase adulta pelo apego seguro com Deus.

Figura 2 - Hipótese da Compensação



Assim, de acordo com a hipótese da compensação, as pessoas que experimentaram um apego inseguro nas relações humanas têm a propensão em buscar Deus como uma figura de apego seguro através de conversões repentinas, cujo alvo é obter a redução no nível da angústia e do sentimento de insegurança experimentados. Nestes casos, a relação com Deus funciona como uma figura de apego substituta, no sentido de compensar a figura humana de

apego. Um relacionamento com Deus do tipo compensatório pode ser notado em três situações:

1. Quando em experiências de grande estresse e perigo e a pessoa não tem uma figura de apego suficiente ou poderosa para a proteger e somente Deus representa um lugar seguro.
2. Quando a figura de apego primária encontra-se situacionalmente indisponível. Por exemplo, em função da morte da figura de apego. Adolescentes que perdem suas figuras de apego (por morte ou outra razão) podem se voltar intensamente para Deus que provê a segurança e conforto que os pais já não podem dar.
3. Quando há uma história de apegos inseguros.

Granqvist e Kirkpatrick (2004), ao analisarem a correlação entre as histórias de conversões repentinas e as histórias de apego dos convertidos, concluem que há correlação significativa entre conversão e apego inseguro (maternal ou paternal), sendo que o indivíduo pode se voltar para Deus como modo de compensação também em situações de perda de um relacionamento amoroso na fase adulta.

Embora a teoria do apego seja uma ferramenta útil para compreender os estilos de apego com Deus, tais comportamentos ativados pelo sistema de apego não deveriam ser vistos por uma perspectiva de juízo de valor, como uma fé deficiente, por exemplo. Ao contrário, precisam ser vistos como uma marca da nossa humanidade e não como uma instância com necessidade de correção. A teoria do apego ajuda a compreender por que, em determinadas situações ou para determinados sujeitos, a espiritualidade (ou o modo como o sujeito se conecta com o divino) contribui mais, ou menos, no processo de luto da figura de apego significativa. Indivíduos que internalizam Deus como incapaz de prover conforto e senso de segurança (Deus como base segura) terão mais dificuldade com o processo de luto, ainda que sejam pessoas que têm uma experiência de fé. Com base no conhecimento da teoria do apego, o aconselhador pastoral pode ajudar essas pessoas não em um modo psicoterápico, já que a psicoterapia é papel do psicólogo. Ao ajudar as pessoas a compreenderem o seu próprio estilo de apego a Deus, relacionando com as razões da ansiedade e do medo, a despeito da fé e do cuidado terapêutico, o aconselhador pastoral pode oferecer consistência no cuidado, na mensagem,

afim de que o enlutado experiencie um apego seguro em função do modo como oferece acessibilidade, disponibilidade e resposta (KELLEY, 2010).

CONCLUSÃO

Por oferecer uma base conceitual descritiva e abrangente a respeito da formação, manutenção e modificação dos vínculos afetivos, a Teoria do Apego é um constructo útil tanto para a psicologia da religião em seus estudos sobre o comportamento religioso quanto para a psicologia evolutiva, em seus estudos sobre a subjetividade humana.

As formulações propostas pela Teoria do Apego não são incontroversas. Contudo, considerando o grande valor em compreender o funcionamento das relações humanas, concordamos com Granqvist e Kirkpatrick, quando afirmam que o melhor caminho é que investigadores deduzam e testem “hipóteses de vários referenciais teóricos (por exemplo, a teoria do apego, psicologia do *self*, psicanálise, teoria da privação)” (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 246). Somente após a realização de trabalhos que considerem os mais diferentes pontos de partida, será possível avaliar “qual teoria ou teorias irá oferecer explicações mais robustas, e produzir o entendimento psicológico mais profundo” (GRANQVIST e KIRKPATRICK, 2004, p. 246) do comportamento religioso das pessoas. Dada a multiplicidade de perspectivas atualmente disponíveis na literatura sobre conversões religiosas, tais esforços serão especialmente importantes para o progresso da teologia e das ciências da religião.

Pesquisas mais recentes sobre o apego sinalizam no sentido de considerar que a maior meta do apego seria “proporcionar uma identificação e regulação apropriada dos estados emocionais, e uma reorganização dos modelos representacionais internos do *self*, do outro e do mundo como um lugar mais acolhedor e prazeroso de se viver.” (RAMIRES, 2010, p. 31). O psicanalista Peter Fonagy propõe utilizar o termo de mentalização para designar a capacidade de compreender nossa experiência interior e, a partir daí, trabalhar de forma precisa os sentimentos da outra pessoa. Assim, mediante o processo de mentalização, cuidadores têm a capacidade de conduzir seus indivíduos apegados para experiências de vínculos mais saudáveis do que os próprios cuidadores experimentaram na infância⁸.

⁸Sobre mentalização na psicoterapia, consultar a obra de Clarkin, Fonagy e Gabbard (Org.), 2013.

Como paradigma teórico, uma meta-teoria que seja consistente e coerente para organizar, integrar e orientar as pesquisas na área das relações humanas, a Teoria do Apego abre um vasto campo de pesquisa a ser explorado por teólogos, psicólogos e cientistas da religião. Há necessidade de mais estudos que identifiquem como o estilo de apego da pessoa influencia a maneira como ela lida com os processos de saúde emocional e espiritual. Investigar a relação entre a cognição religiosa e vínculos de apego a Deus nas diferentes fases da vida (infância, adolescência e vida adulta) seria uma contribuição inédita e bastante importante na área dos estudos em psicologia da religião no Brasil. Além disso, trabalhos que demonstrem de que maneira os conselheiros podem utilizar-se do instrumental teórico proporcionado pela Teoria do Apego para agir mais eficazmente no apoio aos aconselhados, seriam de extrema relevância.

“O papel da religião no enfrentamento do luto é provavelmente um dos principais fatores subjacentes aos achados amplamente observados de que a religiosidade tende a aumentar à medida que as pessoas atingem seus últimos anos de vida” (KIRKPATRICK, 2005, p. 65). Assim, o arcabouço teórico proposto pela Teoria do Apego permitirá analisar também os processos de luto em pessoas que perderam seus cônjuges por morte ou separação⁹. Um possível desdobramento dessa investigação seria em relação ao tipo de apego com Deus que as pessoas que perderam seu cônjuge haviam estabelecido e de que maneira tal estilo contribuiu ou dificultou o processo de elaboração da perda e da reconstrução da vida.

Espera-se que essa breve aproximação à teoria do apego sirva como estímulo a futuras pesquisas com base nesse referencial teórico, tanto no campo da Psicologia da Religião quanto na área da Teologia e das Ciências da Religião.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco. **Teoria do Apego**. Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

AINSWORTH, M.D.S.; WITTIG, B. (Ed.). **Determinants for infants behavior IV**. London: Methuen, 1969.

_____ et al. **Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979.

Bíblia. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

⁹ Com relação ao tema do luto, o livro Luto - Estudos sobre a perda na vida humana (PARKES, 1998) é de inestimável valor, na medida em que analisa em profundidade a perda de vínculos emocionais, sob a ótica da Teoria do Apego.

- BINGEMER, Maria Clara L. **Em Tudo Amar e Servir**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BOWLBY, John. **Apego e Perda: Apego**. V. 1 da trilogia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOWLBY, John. **Apego e Perda: Perda: Tristeza e Depressão**. V. 3 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- BOWLBY, John. **Apego e Perda: Separação: Angústia e Raiva**. V. 2 da trilogia. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- CICIRELLI, Victor G. **God as the ultimate attachment figure for older adults**. *Attachment and Development Human*, V. 6, 371-388. SEAS, 2004.
- CLARKIN, John F.; FONAGY, Peter; GABBARD, Glen O. (org.). **Psicoterapia Psicodinâmica para Transtornos da Personalidade: Um Manual Clínico**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- FERM, V. **The encyclopedia of religion**. Secaucus, NJ: Poplar, 1945.
- GOMES, Adriana de Albuquerque; MELCHIORI, Lígia Ebner. **A Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- GRANQVIST, Pehr; KIRKPATRICK, Lee A. Religious Conversion and Perceived Childhood Attachment: A Meta-Analysis. **The International Journal for the Psychology of Religion**, p. 223–250. Suécia: Lawrence Erlbaum, 2004.
- JUBIS, R. **An Attachment-theoretical Approach to Understanding Children's Conception of God**. Tese de Doutorado. Universidade de Denver. Denver, Colorado. 1991.
- KAUFMAN, G. D. **The theological imagination: Constructing the concept of God**. Philadelphia: Westminster, 1981.
- KELLEY, Melissa M. **Grief**. Contemporary Theory and the Practice of Ministry. Minneapolis: Fortress Press, 2010.
- KIRKPATRICK, LEE A. **Attachment, Evolution, and the Psychology of Religion**. Nova York: Guilford, 2005.
- KIRKPATRICK, L.; SHAVER, P. Attachment Theory and Religion. Childhood Attachments, Religious Beliefs and Conversion. **Journal for the Scientific Study of Religion**. V. 29, N. 3, Setembro/1990, p. 315-334.
- KIRKPATRICK, LEE A. Evolutionary Psychology as a Foundation for the Psychology of Religion. In: PALOUTZIAN, Raymond F.; PARK, Crystal L. (ed.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. 2. ed. Nova York: Guilford, 2013. p. 118-137
- LAMBERT, W.; TRIANDIS, L.; WOLF, M. Some Correlates of Beliefs in the Malevolence and Benevolence of Supernatural Beings: Across Societal Study. **Journal of Abnormal and the Social Psychology** 58: 162-69, 1959.
- LEVINE, Amir; HELLER, Rachel S. F. **Apegados**. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2013.

- LYONS-RUTH, Karlen. **Featured publications**. Disponível em http://www.researchgate.net/profile/Karlen_Lyons-Ruth. Acessado em 14/12/2014.
- MAIN, Mary; SOLOMON, J. **Discovery of an insecure disorganized/disoriented attachment patterns**: procedures, findings and implications for classification of behavior. In Yogman & T. B. Brazelton (ed.). *Affective Development in Infancy*. Norwood, NJ: Ablex, 1986.
- MANTELLI, Fernanda L.; PINHEIRO, Maria Cristina S. M. **Apego nas Relações Íntimas entre Adultos**: Uma Visão Teórica. 32f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar. Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2011.
- NEGRI, Antonio. **Jó**, a força do escravo. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- PALOUTZIAN, Raymond F.; PARK, Crystal L. (ed.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. 2. ed. Nova York: Guilford, 2013.
- PARKES, Colin M. **Luto**. Estudos sobre a perda na vida adulta. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.
- POTVIN, R. Adolescent God Images. **Review of Religious Research**. 19:43-53, 1977.
- RAMIRES, Vera R. R.; SCHNEIDER, Michele S. **Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego**: Comportamento *versus* Representação? In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. V. 26 n. 1, pp. 25-33. Jan-Mar 2010.
- REED, B. **The dynamics of religion**: process and movement in Christian churches. Londres: Darton, Longman & Todd, 1978.
- RICHERT, REBEKAH A; GRANQVIST, PEHR. Religious and Spiritual Development in Childhood. In PALOUTZIAN, Raymond F.; PARK, Crystal L. (ed.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. 2. ed. Nova York: Guilford, 2013. p. 165-182.
- ROHNER, R. **They Love Me, They Love Me Not**. New Haven, Conn.: Human Relations Area Files Press, 1975.
- SOLOMON, Judith; GEORGE, Carol (ed.). *Attachment Disorganization*. Nova York: Guilford, 1999.
- ZACHARIAS, Ravi. **Por que Jesus é Diferente**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- WEENEGRAT, B. **The divine archetype**: The sociobiology and psychology of religion. Lexington, MA: Lexington Books, 1990.

Recebido em 03/11/2014
Aprovado em 16/12/2014